

O ÍNFIMO SILÊNCIO INERENTE NO GÊNERO: RESQUÍCIOS DE SUBMISSÃO

THE INHERENT SILENCE IN THE GENDER: SUBMISSION FRAGMENTS

Irio José do Nascimento Germano Júnior

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
iriogermano@gmail.com

Maria Edileuza Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
edileuzacostauern@gmail.com

Resumo: *A literatura, em tese, compõe uma infindável fonte profícua de sabedoria. Possibilita ao ser humano representações coadunadas em anseios, altercações, redizes e questionamentos direcionados na sociedade em que são marcados por um contexto sócio-histórico. Esse estudo investiga as personagens femininas, na qual mesmo abarcadas como secundárias possuem, uma ótica que necessita ser difundida. Buscar-se-á, uma análise remetida ao livro *Infância*, direcionado ao conto *Um cinturão* de Graciliano Ramos e outra referida ao livro *Os cavalinhos de Platiplanto* atentando-se ao conto *A ilha dos gatos pingados* de José. J. Veiga. O surgimento da ideia de gênero vem sendo construído epistemologicamente no decorrer dos anos. Neste contexto, notamos nos perfis homem/mulher um direcionamento como dominador e dominado, possuindo assim, um contexto enraizado com um direcionamento para o gênero feminino de maneira pivotante.*

Palavras-chave: *Gênero; Silêncio feminino; Submissão; Patriarcado.*

Abstract: *Literature, in theory, composes an endless source of wisdom. It enables the human being to represent them in the form of longings, alterations, redemptions and questionings directed in the society in which they are marked by a socio-historical context. This study investigates the female characters, in which even covered as secondary they have an optics that needs to be diffused. It is intended to analyze the book *Infância* directed to the tale *Um cinturão* by Graciliano Ramos, and another one related to the book *Os cavalinhos de Platiplanto* considering the tale *A ilha dos gatos pingados* BY José. J. Veiga. The emergence of the idea of gender has been constructed epistemologically over the years. In this context, we note in the male / female profiles a dominating and dominated orientation, thus possessing a rooted context with a pivotal orientation towards the female gender.*

Keywords: *Gender; Female silence; Submission; Patriarchate.*

Introdução

A literatura, em tese, compõe uma infindável fonte profícua de sabedoria. Possibilita ao ser humano representações coadunadas em anseios, altercações, redizes e questionamentos direcionados na sociedade em que são marcados por um contexto sócio-histórico. Desta maneira, esta percorre por um vínculo, por uma interação que é produto do ensejo artístico e da situação geradora da obra. Fica patente, desse modo, realizar uma espécie de intertextualidade. Na qual podemos estender aproximações significativas com outros textos que permeia o artista. Em outras palavras, analisar a literatura corresponde, grosso modo, em se fazer um diálogo/inter-relação do contexto externo circundado para/no interno. O estudioso apresenta uma consideração compatível com o que se tem dito: Massaud Moisés (1997, p. 159) “espelho fiel dum povo, a imagem fiel duma sociedade”, configuramos, assim, perceber os vastos sentidos brotados através da literatura quando a lemos.

Percebemos, também, que a literatura se torna um campo de estudo que contribui e colabora para o compartilhamento e deslocamento de ideias vinculadas por mulheres; ressaltando seus direitos e manifestações femininas por volta do século XIX. Esse ambiente ajuda, em tese, para auxiliar na identidade moldada pelos padrões vigentes, em que a mulher precisa ter mais

espaço e voz. Ademais, torna-se pertinente compreender que a mulher, pelo olhar histórico, estava inserida em uma redoma, distanciada dos privilégios sociais, de modo a viver à mercê do homem, primeiramente às forças do pai, que impõe sobre os filhos o direito de dominação e posse. Depois, as núpcias possibilitavam uma continuidade à subalternidade, em que no âmbito a dois, como esposa, a mulher representava um objeto de posse, de procriação e de cuidado do lar, na qual estas que “desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai.” (SAFFIOTI, 2004, p. 102). É com esse pressuposto, que se percebe como o olhar feminino dissemina e alicerça com o tempo.

O gênero feminino cogita de uma herança histórico-cultural de inferioridade. Nesse sentido, os homens, não deveriam se impor para marcarem seu gênero e muito menos um sistema patriarcalista. Conforme, Costa (2005, p. 13) aponta: “Toda e qualquer operação literária rege-se pela face da realidade, já que tudo o que o homem cria é uma representação da realidade.”

Este estudo, a partir do exposto, objetiva investigar as personagens femininas, na qual mesmo abarcadas como secundárias possuem uma ótica que necessita ser difundida. Neste sentido, veicular uma análise remetida ao livro *Infância* (1981) direcionado ao conto *Um cinturão* de Graciliano Ramos e outra referida ao livro *Os cavalinhos de Platiplanto* atentando-se ao conto *A ilha dos gatos pingados* (2015) de José. J Veiga.

Buscar-se-á, analisar, de forma comparativa, nuances de opressão ao gênero, inferioridade e assujeitamento. A concepção comparativa dissemina como uma das trilhas corroborativas, ao validar contrastes configurados com as personagens hierarquizadas em suas correlações dicotômicas, pois “a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim.” (CARVALHAL, 2006, p. 7). Na qual há um silêncio imbricado através destes sujeitos. Neste sentido, com foco para a interpretação das obras, estudamos de que forma estas tonicidades são configuradas em suas escritas.

A díade dos escritores acima citados permeiam-se de uma ótica envolvida com inúmeras camadas. Sejam elas sociais, culturais e ideológicas que estão inter-relacionadas e ligadas ao formar uma “teia” perante os arquétipos constituídos e padronizados na sociedade; residido na criação de um elemento humanizado (o personagem) que revela situações veementes aos conflitos da vida humana, neste caso, as subalternidades no gênero feminino. Partindo desta premissa, ao mover as situações que exprimem a história, as personagens são “metáforas do homem, cujas alternativas a arte procura apreender e fixar”. Castro (1976, p. 24).

Quanto ao procedimento metodológico, esta pesquisa é bibliográfica de caráter qualitativo, já que analisa o conteúdo através do objeto de estudo, neste caso, com base na obra literária. Esta, por sua vez, vai invitar todas as teorias à discussão, relevando uma ótica analítica ao estudo dos sujeitos em todas as suas concepções. O autor reforça: “Bibliográfica: esse tipo de pesquisa é desenvolvida com base, principalmente, em materiais já produzidos, como livros, teses e artigos científicos. (...)” (GIL, 2002, p. 44). A análise toma os procedimentos comparativos, proporcionando correlações e divergências, entre estas. Sendo produtivo captar as intenções implícitas e explícitas. Para que isso ocorra, é necessário constituir concepções contextualizadas a partir das ações das personagens imergidas no olhar silenciado/neutralizado. Já que observamos e configuramos um diálogo com obras publicadas em anos díspares. Na qual, instigamos enveredar entre elementos prepotentes regidos com gênero submisso e seus opressores. Nesta concepção, inquietamo-nos para responder a seguinte pergunta: Que ótica percorre nestes sujeitos femininos?

O bradar no silêncio: ações neutralizadas

Em certos casos, é notável refletir como alguns escritores que recorrem aos personagens, ou seja, os utilizam como maneira de expressar, refletir sua ideologia e dar voz a certas mazelas e situações propícias de seu conhecimento e experiência. Com isso, alguns discursos, ambientes e espaços adotados pelos autores para os seus personagens carregam consigo uma reflexão de algum momento histórico, comportamento, acontecimentos e influência sociocultural que acabam por transparecer e ser identificado na obra. Assim, Bakhtin complementa:

As palavras dos personagens, possuindo [...], de uma forma

ou de outra, autonomia semântico-verbal, perspectiva própria, sendo palavras de outrem numa linguagem de outrem, também podem refratar as intenções do autor e, conseqüentemente, podem ser, em certa medida, a segunda linguagem do autor.” (1990, p. 119).

A arte literária é praticada não só para comunicar, mas para fazer a língua “funcionar” a ponto de contribuir para a humanização da sociedade. Ajudando a compreender problemas e lacunas existentes no contexto externo que se transfere para o interno da obra.

Assim sendo, tornamos pertinente enveredar através da literatura uma ótica para o gênero feminino. Destarte, as informações introdutórias sobre o conceito de gênero vêm sendo formadas com o decorrer do tempo. Ao associar culturalmente a categoria feminino como doméstica e sentimental, ou seja, dotada de funções ligada ao lar, objeto sexual e emotiva; e ao gênero masculino uma identidade revestida de negócios, de comando, e imposições que os caracterizaram no limiar histórico do ser acional; chegamos ao cerne deste trabalho em que o paradoxo pretende ser discutido por meio de uma obra literária. Toda esta ideologia e representação dicotômica feminina e masculina são bases alicerçadas no crivo histórico-social que foram atribuídas e inter-relacionadas ao gênero. Viana complementa: “Assim, é que fomos subliminarmente condicionados a exigir que a mulher seja frágil, delicada, incapaz [...]” (1976, p. 158). A par dessa informação, podemos perceber que o perfil feminino tem sua posição inferiorizada, “domesticada” e distinta perante o sexo masculino. Desse modo, notamos que a construção/formação social do “ser” mulher para/com o homem transgride as linhas fisiológicas, aliás, biológicas e exerce efeitos categóricos aos sujeitos. Confortin (2003, p. 111) explica: “[...] ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá de acordo com as múltiplas influências e instâncias.”

Nessa linha de pensamento, em que por meio de limiar histórico a mulher cogitou de uma identidade para a submissão, num espaço em que as vozes e urgidos do homem intercalam e os marcam como competentes ao poder e conhecimento. Porém, evidenciamos uma diferença na habitar contemporâneo com o da antiguidade, no tocante ao século XIX, no que diz respeito a imagem e condição da mulher. Esta transição caleidoscópica acaba por ser tornar escassa para assegurar com plenitude os seus anseios e direitos atribuídos entre os gêneros. Nesta concepção, Zolin (2003, p. 162), corrobora: “investigar o modo pelo qual o texto está marcado pela diferença de gênero, diferença esta que não existe fora do contexto ideológico, mas como parte de um processo de construção social e cultural.” Desse modo, a dicotomia enraizada entre o masculino e feminino não culminam na concepção do hoje, ressaltam fragmentos de toda uma história alicerçada em lacunas e desigualdades abarcadas no limiar humano. A passagem aduz:

Pode-se perceber, de acordo, também, com afirmatividade alguns estudiosos do assunto, que não existia entre os sexos relação de reciprocidade. A mulher não se integrava na sociedade, o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. Na época antiga, quando os homens que redigem suas mitologias e suas leis, o patriarcado é decisivamente estabelecido. São os homens que fazem os códigos e é natural que dêem à mulher uma situação de subordinação. (SALDANHA, 1976, p. 29)

Percebemos, dessa forma, a literatura como um modelo, um protótipo apto para percorrer sobre diversas categorias sem aprofundá-las, mas com uma veemência a abrigar e despertar no leitor um olhar crítico acerca de questões relevantes da sociedade contemporânea brasileira.

Consoante isto, os contos *A ilha dos gatos pingados* de Veiga e *Um cinturão* de Graciliano acabam por perpassar a ideia da materialidade simples da ficção, revertendo-se assim verossímil. Os contos possuem nuances de personagens femininas em que estas são configuradas em um segundo plano, mas as narrativas centram-se nas ações da figura masculina. Vale ressaltar, que ambos os textos compreendem as personagens femininas que não possuem um destaque ou um centro detido para/com elas. Na qual, retratamos em uma configuração de mulher-objeto, ou seja,

restrita e delimitada em seu espaço latente e deslocada de todo e qualquer bradar ou ecoar na condição igualitária através dos gêneros.

A personagem de Veiga não possui nome ou qualquer descrição física, apenas é denominada como “a mãe de Cedil” (VEIGA, 2015, p. 31). Esta possui hastes e uma condição de marginalizada enquanto sujeito: mãe, dona de um lar, sem marido e “concisa” em suas ações. Além disso, contém para o namorado de sua filha o caráter de repreender e agredir; seria de certa maneira uma transfiguração de homem “tradicional” da casa. Desse modo, coaduna nas atitudes de Zoaldo o papel patriarcal marcado de acordo com o que este verificar necessário perante a criança Cedil; o mesmo repercuti na mãe deste resquícios de submissão por meio de suas ações neutralizadas.

Com a personagem do conto *Um cinturão* de Graciliano converge esta mesma reciprocidade. A mesma também é ausente de um nome, descrição e possui filhos. Contudo, dispõe de um marido, aliás, um homem que não advém de um nome específico e acaba por ser representado, por meio de sua conduta, pela configuração do autoritarismo. O medo que ecoa através de seu filho e a neutralidade encontrada na mãe traz as tonicidades de subalternidade destes que se emergem. O termo referido e mais habitual para identificá-la nas passagens do enredo é “Minha mãe” (RAMOS, 1981, p. 32), convém salientar que a mesma utiliza em certo momento da força física para disciplinar o filho.

Como se pode notar, a díade trilha momentos de submissão tanto das mães como em seus filhos, ao invitar uma desigualdade entre os gêneros por inúmeras camadas. Situações estas que corroboram para um bradar revestido de silêncios. O prisma repercutido no contexto patriarcal torna os contos delineados para uma condição moral das personagens femininas de inferioridade social, ratificada e proliferada com os valores masculinos. De acordo com o exposto: “A história da cultura ocidental consolidou-se segundo a tradição do saber masculino. Em função disso, é comum encontrar-se entre as obras da nossa literatura imagens de mulher estereotipadas segundo o modelo da sociedade patriarcal, caracterizada pela submissão, pela resignação, pela espera, pelo sofrimento, pela saudade, etc.” (ZOLIN, 1997, p. 44).

Sendo assim, os termos empregados para aludir às mães dos protagonistas na própria construção revestimos de uma prescrição peculiar e minuciosa a ser assinalada. Em outras palavras, o olhar arquitetizado para/com o tratamento distinto de cada um para as suas mães. Fica, pois evidenciado como o lado feminino implica em intenções implícitas que modulam e esboçam os discursos de seus filhos.

Percebemos que na construção do conto *A ilha dos gatos pingados* ao se fazer menção nas colocações notadas na criança para a mãe, no texto, Cedil não a coloca ou refere-a com termos que a legitime e denomine com um apreço próximo, mas com uma ótica distante, aliás, como se este não fosse “protegido” pelo lado materno. Além domais, mesmo após sofrer agressões físicas do namorado de sua irmã (Zoaldo); Cedil sente uma lacuna perante a presença de repreensão/corretivo da mãe. Já que esta não advém de uma imposição e torna-se inerte a qualquer acontecimento ou manifestação de opressão com o seu filho. Este reproduz um discurso de um filho que não é imbricado pela mãe. Conforme se encontra nas passagens:

Quando Cedil contou isso Tennisão escachou com ele, disse que ele era um pamonha, mais apanhasse pra deixar de ser bobo. - Se fosse comigo - disse - eu sentava um trem na cara daquele trelente. - Você fala assim porque tem pai que pune por você - respondeu Cedil. - E sua mãe; por que não pune? Aí Cedil contou com muita tristeza que a mãe dele estava na cozinha moendo café quando ouviu a zoeira; veio ver, ficou olhando e não fez nada, (...) Cedil correu pedindo o socorro da mãe, Zoaldo atrás dando cabrestada. (VEIGA, 2015, p. 30-31)

Relevamos como oportuno entender a neutralidade na volição materna e a construção identitária do menino para esta, pois a aflição e desprezo gerado tornam a mãe como sujeito para fuga e proteção. A mãe configura-se numa ótica paradoxal, já que essa se insere como um ser “presente”, pois estava perto, além de ciente do acontecido e ausente por não conter as hastes autoritárias do perfil masculino. Essa não explicita ações despertadas para o filho, já que está à

mercê de Zoaldo e acaba por ficar reprimida a suas atitudes de dominação masculina.

O gênero feminino neste conto perpassa uma perspectiva de uma simples feminilidade para uma “mulher-objeto”. Em outras palavras, mulher/personagem oprimida no que concerne o arquétipo feminino referente aos padrões impostos e que recorrem em ser seguidos de resignação e ações neutralizadas, fixadas no processo sócio-histórico-cultural.

Destarte, a mãe do protagonista acaba por ser tornar um ser passivo mediante o enveredar do enredo. Partindo desta premissa, a autora reforça: “(...) a mulher-sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz. (ZOLIN, 2003, p. 163)”. Falta de voz esta emergida pela mãe do menino que prescreve por um modelo ínfimo de liberdade na mulher contraposta à imagem do homem dominante, neste caso, com Zoaldo que não era esposo, filho e o grau de aproximação que o designa no conto é o de namorado de sua filha. Com a sua presença, a vida de Cedil percorre metamorfoses e reforça-se em um homem de força física requisitada para oprimir. Convém notar no perfil masculino uma conduta corriqueira e consolidada nas páginas da historicidade, na qual “acredita-se que o homem tivesse, como hoje, o privilégio da força física. (SALDANHA, 1976, p. 27-28)”. Zoaldo recorre de sua força física para o menino como também em outro momento para outro personagem, conforme a passagem esclarece: “Quando Milila começou a namorar Zoaldo a vida de Cedil piorou. Zoaldo era muito bruto, só falava gritando. Nem Pedro Arcanjo, que já tinha brigado com soldado, tirava farinha com ele. (...) tocando Pedro pra fora a empurrões, e se ele não corresse teria apanhado muito” (VEIGA, 2015, p. 29). Sendo assim, este por sua vez, é visto como temido por muitos no enredo e ressoa por camadas de superioridade.

Nessa linha de pensamento, esse acaba por projetar, de maneira subjetiva, a *sombra* de um pai com decisões de servidão resultadas em agressões com Cedil. Proporciona, desse modo, notar na criança uma espécie de válvula de escape para Zoaldo como também objeto de mandos e desmandos; e na mãe um aprisionamento do lar, na qual a própria residência é fruto base de subjugação. Na qual o lado feminino capta-se em dores insolúveis de uma mãe que sofre com o filho, mas o único som invitado é o límpido silêncio inerente ao gênero. Dessa forma: “Sob este prisma é que percebemos a dualidade da objetificação da mulher na sociedade imperialista, onde o elemento masculino é dominante, e também a impossibilidade de liberdade da mulher (...) ainda é cativa de um sistema social que aprisiona a mulher ao confinamento do lar” (CARNEIRO, 2007, p. 03).

Ao delinear neste enredo, Veiga compõe em sua escrita uma compreensão pluri-isotópica alcançada em seu texto; permeado em uma ótica envolvida com inúmeras camadas. Sejam elas políticas, sociais e ideológicas. Isto posto, podemos encaminhar para o conto *Um cinturão*, na qual o perfil feminino traça um paradigma de submissão com algumas ações díspares do conto anterior.

Disseminar pelo conto supracitado caracteriza-se para uma atenção a mãe do protagonista, e conseguinte ao pai. A *justiça* representada na trama empreita-se em um autoritarismo, aliás, o respeito e a moral prevalecem cultivados em forma de punição do pai para o comportamento idôneo e subalterno do filho sem nenhum deslocamento ativo ou decisivo, já que “as minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me profunda impressão” (RAMOS, 1981, p. 31). Um elo se faz deste conto *Um cinturão* e com *A Ilha dos gatos pingados*, mediante alguns aspectos notáveis. Ambos fluem de mulheres e filhos silenciados por homens, porém em Graciliano as nuances constituídas trilham em um momento acurado pelo gênero feminino.

Salienta-se a configuração da mãe ao mesmo tempo em que não interfere nas ações do esposo, acaba em certo momento a conter uma atitude de agressão em seu filho, utilizando da força física para discipliná-lo. Sobre este aspecto o texto corrobora:

Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor. Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal — e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha

e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago. E estaria esquecida. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou-a. (RAMOS, 1981, p. 31)

Dentro do tecido da literatura elementos surgem e representações se inter-relacionam ao gênero. Nesta concepção, identificar o gênero feminino destoante, em sua integridade, da ação ou força; como um ser trivial não cogita-se para a mãe da criança de acordo com a passagem citada. A mãe recorre de uma punição, de ações acometidas com o protagonista ao utilizar como meio uma corda para tal fato. Que distanciam, de certo modo, de uma *desarquetipação* atípica da conduta feminina, pois na conjuntura histórica verifica-se “Assim, é que fomos subliminarmente condicionados a exigir que a mulher seja frágil, delicada, incapaz (...)” (VIANA, 1976, p. 158).

O filho expõe que não merecia a agressão; não a condena ou indigna-se pelo ocorrido, apenas abranda ao afirmar que apesar das marcas deixadas sem intenção, o culpado era o objeto (a corda) que continha um nó que o atingiu com mais prontidão, assim, a mãe não conteve um crime. O proceder desta atitude afeta a avó que diferente da criança fica inconformada pelo que aconteceu e repreende-a ao causar uma discussão e a filha não compartilha das mesmas ideologias de sua mãe. Partindo desta premissa, a história *A ilha dos gatos pingados* com a mãe de Cedil que mesmo sendo inerte em seu *agir*, não se reveste ou comunga de certas atitudes compatíveis ao conto *Um cinturão*, mas estas permanecem à mercê do homem. Neste caso, a mãe e o filho não possuem nome e convivem em um ambiente de dominação e preponderância masculina em que render-se ao esposo e *dono* do habitar acaba por estar perdurados no limiar sócio-histórico. Torna-se perceptível que “(...) A mulher, de certa forma, é escrava de seu próprio sentimento pelo homem e, posteriormente, se faz escrava na subserviência do sagrado matrimônio, fruto do sistema patriarcalista.” (CARNEIRO, 2007, p. 11).

Além disso, o protagonista de *Um cinturão* recorre do pronome possessivo *minha* para fazer menção a sua mãe, subjetivamente percorre uma concepção de denominar afeto e aproximação com sua mãe. O filho trilha em ambientes de repressão em suas atitudes, aliás, mesmo sem manifestar-se a brutalidade acompanha-o; a submissão culmina em sua maneira de agir e pensar marginalizando-se; o bradar silenciado tanto no filho quanto na mãe revigora-se na identidade patriarcalista na figura do pai. A mãe em suas ações não emite qualquer interferimento para as decisões tomadas por seu esposo, aliás, essa não adentra nos espaços deste. Proporcionando, desse modo, encontrar uma fragilidade no gênero feminino recorrente de uma hierarquia de valores e morais estipuladas como ofício masculino, já que a mulher perpetua de uma autoridade menor/rejeitada que diverge do homem em suas manifestações. Acerca desse fato, é válido lembrar que:

A educação masculina, no entanto, historicamente trouxe elementos que contribuem para a agressividade. (...) Devemos considerar que o sistema patriarcal ainda faz parte da estrutura de nossa sociedade, o que contribui para que se valorize uma suposta autoridade masculina e para que o poder e a força façam parte da construção social do masculino. Se a violência pode ser definida como emprego da força, seja física, psicológica ou intelectual no processo da submissão do outro, a violência de gênero pode ser entendida como aquela praticada dentro de uma relação de caráter intersubjetivo por aquele que tem mais poder nesta relação. (CASAGRANDE, 2011, p. 188-189)

Nesse sentido, conforme a passagem mencionada pela autora percebemos que através do conto compreendemos que o pai/esposo contém toda uma conjuntura de poder e dominância na relação entre marido e mulher; o filho tende a arcar com as consequências, já que as submissões destes gêneros encontram-se como uma saída para não enfrentar o homem. O pai reflete e faz uma analogia aos moldes comuns do comando/autoritarismo imbricado no processo histórico, na qual a conjuntura de ecos e dizeres às leis dos homens, manifesta uma vulnerabilidade destes. É notável

perceber:

Minha mãe, José Baía, Amaro, Sinha Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda abandonaram-me. Aperto na garganta, a casa a girar, o meu corpo a cair lento, voando, abelhas de todos os cortiços enchendo-me os ouvidos — e, nesse zunzum, a pergunta medonha. Náusea, sono. Onde estava o cinturão? Dormi muito, atrás dos caixões, livre do martírio. Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. (RAMOS, 1981, p. 34)

A neutralidade de seus parentes revigora seu medo e fragilidade para encarar ou difratar seu encontro com este, pois qualquer que seja a situação ou cenário, a criança fica a solicitar a presença de sua mãe e familiares como uma maneira de proteção. Mas, seu ardor de fuga e equanimidade não se consolida, devido às opressões contínuas conservadas por seu pai. Na qual a sua mãe se sujeita em uma voz intercalada e alicerçada no crivo histórico-ideológico ao gênero feminino que transgride e reconstrói-se através da profícua e difusa intenção que a literatura propicia em sua veemência de relatar prerrogativas insólitas e instigantes. Os autores supracitados, portanto, circunscrevem em suas entrelinhas lacunas existentes no cenário humano, aliás, no gênero. As personagens em sua construção díspar refletem paradoxalmente estas perspectivas.

Conclusão

Percorrer pelas veredas literárias não é um caráter de todo ofício simples, contudo, para a voraz ótica acadêmica, resulta como congruente para proliferação de ideais, preceitos, valores e representações no cenário mais cabal da vida. Utiliza-se de uma linguagem universal, pois possibilita o estudo entre o texto e contexto numa interpretação dialética. Costa (2010, p.229) complementa:

A obra literária é, sem dúvida, o lugar em que como seres humanos, as personagens se encontram integrados num denso tecido de valores religiosos, morais, políticos e sociais que podemos chamar de discurso formativo a partir de uma visão ou de várias visões.

A tessitura do texto literário percorre e/ou encaminha para inúmeras releituras, no qual pode ser compreendido como uma representação da realidade. No mesmo sentido despertamos uma releitura dos contos delineados para formar toda a sua ficção/imaginação diluída nos pilares da humanidade; na qual toda e qualquer manifestação de linguagem verbal e não verbal é dotada de um efeito de sentido, ou seja, remete-se em ir além do que está evidente. Isso colabora para uma construção e desconstrução permeada de um perfil sócio-histórico-político proporcionado pela arte e invitado nos contos *Um cinturão* de Graciliano Ramos e *A ilha dos gatos pingados* de José J Veiga.

Diante de um estudo teórico-analítico objetivou investigar as personagens femininas, na qual mesmo abarcadas como secundárias possuem uma ótica que necessita ser difundida. Analisamos, de forma comparativa, nuances de opressão ao gênero, subalternidade e assujeitamento. Na qual há um silêncio imbricado através destes sujeitos. Neste sentido, com foco para a interpretação das obras, estudamos de que forma estas tonicidades foram configuradas.

Neste contexto, notamos nos perfis homem/mulher um direcionamento como dominador e dominado, possuindo assim, um contexto enraizado com um direcionamento para o feminino de maneira pivotante. Nessa razão, possibilitamos perceber uma construção de desigualdade entre as categorias homem/mulher, pelas quais as funções e condições da cada um perpetuavam-se de um autoritarismo para uma e subjugo para outra.

É sabido, ressaltar que lutas e reivindicações de cunho feminino culminavam e expandiam-se por volta do século XIX, a fim de direitos igualitários para ambos. Ao embater as suas identidades arquetípicas a partir de reivindicações levando à tona as discussões de gênero e padrões moldados

pela sociedade, esses movimentos acabam por quebrar estas ações impostas, padronizadas e ideologias equivocadas que foram enraizadas no limiar humano. É possível compreender que o ato comunicativo literário se torna uma exímia ferramenta que identifica um novo olhar para as ideias conduzidas por mulheres de qualquer camada, raça ou empoderamento que as conduzam ativas nos processos sociais. Nesse contexto, fortalece Chanter (2011, p.15) “os primeiros argumentos feministas enfocavam a injustiça do fato de as mulheres serem excluídas de algumas atividades centrais, fundamentais da humanidade, às quais os homens pareciam estar destinados por alguma ordem natural”. Em um olhar biológico, torna-se indiscutível que os gêneros possuem diferenças, porém com o decorrer do tempo foi se ajustando ideias, valores e deveres distintos, padronizados socioculturalmente. Consoante, vemos através das mães dos protagonistas estes “valores” (des) igualitários.

Desse modo, podemos pensar os princípios atribuídos à mulher com atuação envolvida com o lado materno, carinhoso, educacional, ou seja, uma modelação doméstica associada a um caráter revestido de generosidade e bondade; e, ao homem, um perfil direcionado mais a força física, profissão, política, aliás, revestido de toda uma liberdade, independência e chances de possuir qualquer função ligada ao estado. Na qual, estas “liberdades” são encontradas nas figuras literárias analisadas. Desse modo, percebemos que “[...] essa diferença que vai sustentar a dicotomia entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino, numa relação hierárquica nas relações sociais.” (SOUZA, 2002, p. 79). É oportuno mencionar a condição da mulher submissa ao homem mediante o olhar de, Saint-Hilaire (1940, p. 48) “A mulher é, muitas vezes, a primeira escrava da casa (...)”. Nesse sentido, observamos que estes gêneros possuem diferenças, porém com o decorrer do tempo foi se ajustando ideias, condições, perspectivas e deveres destoantes, padronizados sócio culturalmente. Concepção esta condizente em silêncios intercalados entre os gêneros. Ao salientar esta conjuntura patriarcal ao contexto literário; com as análises invitadas e encontradas nas personagens de ambos os contos.

Dessa maneira, o autor percorre nas possibilidades de refratar, deslocar e promover nas entrelinhas as possibilidades de releituras que o texto emana. O estudioso fortalece: “O autor, instância discursiva de que emana o texto,(...) mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois, este, por sua vez, reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação. (GERALDI, 2006, p. 91).

Sendo assim, o cenário literário, dissolve-se por meio da materialidade, das imagens; as palavras que culminam, em uma representação e olhar díspar do autor que acabam por atar e transmitir realidades vigentes. Ao se mostrar, a literatura, como uma espécie de retrato que se reproduz cujo seu pano de fundo acaba por se tornar em um infindável oceano de intenções, reflexões, subjetivações e sentimentos promovidos pelo ensejo artístico. Tendo como base de investigação as leituras das obras acima citadas, propomos um rebuscado estudo teórico que contribua para as hastes, que sirva de sustentação também para a literatura comparada; cenário feminino, político, social e estudos culturais.

Nesse contexto, o estudo feito não se finaliza, pois o teor debatido não contém limites e está continuamente aberto a releituras neste fértil campo dos estudos literários.

Referências

AINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai**. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. (Orgs). Crítica feminina. In: _____. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Universidade do Estado de Maringá, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática. 1996.

COSTA, Maria. Edileuza. **O mito feminino**: de Marília a Capitu. 2005. 185 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, João Pessoa-PB: UFPB, 2005.

CASTRO, Ângela Maria Bezerra de. **Gil Vicente e Ariano Suassuna**: acima das profissões e dos vãos disfarces dos homens. 1976. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras e Artes, 1976.

CARNEIRO, Cristina Helena. A dupla objetificação da mulher em A Escrava Isaura: uma amostragem do poder patriarcal. **Urutágua** – revista acadêmica multidisciplinar Maringá – PR, Quadrimestral ago/set/out/nov 2007. Disponível em: <<http://www.uem.br/urutagua/007/07carneiro.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

CHANTER, Tina. **Gênero**: conceitos-chave em Filosofia, Porto alegre: ARTMED, 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. et al. **Igualdade de gênero**: enfrentando o sexismo e a homofobia. – 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: **Representações do Feminino**. Organização: Maria Inês Ghilardi-Lucena. Campinas: Átomo, 2003.

COSTA, M. D.; LOPES, L. C. V.; REDSOM, J. C. A relação de alteridade do discurso feminino na literatura brasileira. In: SILVA, A. M. M. et al. (Org.). **De memória e identidade**: estudos interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GERALDI, João. Wanderley. Práticas de leitura na escola. _____ In: GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa I. São Paulo: Cultrix, 1997.

RAMOS, Graciliano. 1892-1953. **Infância**. 17ª ed. Rio, Record, 1981.
SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALDANHA, M. de S. Considerações sobre a evolução da condição da mulher. In: **Revista Tempo Universitário**, v. 01, n. 01. Natal: UFRN, 1976.

SOUZA, E. R. Re-significações de gênero na infância. In: ADELMAN, M. & SILVESTRIM, C.B. (Orgs.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: ed. UFPR, 2002.

VEIGA, José. J. **Os cavaleiros de Platilante**: contos. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VIANA, B. A mulher no panorama cultural brasileiro. In: **Revista Tempo Universitário**, v. 01, n. 01. Natal: UFRN, 1976.

ZOLIN, Lúcia Ozana. O. A condição social da mulher brasileira e seu modo de representação na Literatura: do século XIX ao XX. In: **UNIMAR**, Ciências Humanas e Sociais– Universidade Estadual de Maringá, v. 19, nº. 01. Maringá: Março 1997, p. 44 a 49.